

Tradução do russo e edição por CN, 22.12.2015

(original em: <http://expert.ru/2012/05/9/narkom-beriya-i-factoryi-pobedyi/>)

O comissário do povo Béria e os factores da vitória

Elena Prudnikova¹

Habitamo-nos depressa às coisas boas. No último meio século acostumámo-nos demasiado ao milagre chamado «Vitória». Acostumámo-nos até à insolência mais deplorável: mas porque é que a Vitória foi tão difícil de obter? O número de vítimas deveria ter sido menor; o ideal era que o inimigo tivesse sido rechaçado fora das nossas fronteiras.

Acostumámo-nos até ao marasmo total, até passarmos a repetir a conhecida afirmação de Ernst Henri,² membro da União dos Escritores da URSS, de que alegadamente o povo venceu a guerra apesar de Stáline (a propósito, Henri é conhecido unicamente por ter feito esta afirmação).

Mas quem é que disse que tínhamos de vencer? A *Wehrmacht* derrotou a Polónia em menos de três semanas, o exército francês que era o mais forte da Europa foi batido em 40 dias, enquanto nós demorámos três meses e meio a dar conta da minúscula Finlândia, e por que vergonhas passámos.

Porque é que vencemos então? A Vitória teve muitos factores. Além do principal, o heroísmo dos soldados e oficiais vergonhosamente esquecidos pelos criadores do projecto da «*Fitinha de S. Jorge*»,³ incluem-se aqui as distâncias, os caminhos, a

¹ Elena Prudnikova é escritora historiadora russa. Este artigo foi publicado no site *Expert Online*, em 9 de Maio de 2012. (N. Ed.)

² Ernst Henri (ou Ernst Guenri em russo), verdadeiro nome Simione Nikolaiévitch Rostovski, (1904-1990), nasceu na cidade de Vítebsk, na Ucrânia, filho de uma família judaica de comerciantes. Foi agente dos serviços de informação soviéticos, escritor e jornalista. Nos anos 20 esteve na Alemanha onde integrou o Partido Comunista. Trabalhou depois no *Komintern*, em Moscovo. A partir de 1933 reside na Inglaterra, onde tem funções de oficial de ligação com agentes locais dos serviços soviéticos. No regresso, em 1951, é preso, por motivos não conhecidos. Libertado em 1956, torna-se num dos rostos da campanha anti-stalinista, subscrevendo, em 1966, juntamente com outros 25 intelectuais, uma carta contra a alegada reabilitação de Stáline. A sua obra mais conhecida é o livro *Hitler contra a URSS*, publicado em Londres (1936) e em Moscovo (1937), então apresentado como sendo da autoria de um jornalista inglês progressista. (N. Ed.)

³ A «*Fita de S. Jorge*» é um símbolo militar russo que tem origem na Ordem Imperial de São Jorge. É composta por três bandas pretas e duas amarelas e foi criada em 1769, sob reinado de Catarina II, para distinguir o mérito e a coragem dos soldados na guerra russo-

chuva e o frio. Mas há ainda outro factor principal da Vitória, sem o qual nem o heroísmo nos teria salvado: o admirável funcionamento de todo o complexo industrial--militar.

A propósito, quem foi o responsável no governo soviético pelo complexo industrial-militar? Stáline era o Comandante Supremo, não podia ser ele a tratar de tudo!

A história nada diz, as suas testemunhas sussurram...

Mas quem é que dirigia o armamento?

Por acaso chegou-me às mãos a primeira edição do romance «*O Aço e a Escória*», dedicado à metalurgia do tempo da guerra. Na literatura soviética daquele tempo (e no cinema também) havia o seguinte hábito: o clímax da narrativa era assinalado com a entrada em cena do Chefe. Podia ser o secretário do Comité Regional do Partido, ou podia ser o próprio Stáline, mas era obrigatório o aparecimento em cena do Chefe. Qual foi o personagem que das alturas transcendentais do Krémelin telefonou para a fábrica metalúrgica no momento culminante da narrativa? Stáline? Não. Stáline comandava o exército. Foi Béria⁴ quem telefonou, o comissário dos Assuntos Internos. Alguns verão aqui a demonstração cabal da natureza sanguinária do regime de Stáline. Mas há uma explicação mais simples: a referida fábrica estava sob a alta responsabilidade de Béria, e foi por isso que este telefonou para lá.

Nas edições posteriores do romance, naturalmente, este episódio foi retirado: o novo poder precisava que Béria permanecesse na memória do povo como um monstro sanguinário. No entanto os ventos da história tem varrido o lixo sobre os túmulos e aos poucos alguns fragmentos da biografia deste homem começaram a vir à luz do dia, causando uma crescente perplexidade.

Os primeiros dez anos da biografia profissional de Béria decorreram de facto na *OGPU*,⁵ mas logo em 1931 torna-se primeiro secretário do Comité do Partido do *Krai*

turca (1768-1774). Em 2005, a propósito da celebração do 60.º aniversário da vitória sobre o nazi--fascismo, vários órgãos de comunicação social da Rússia começaram a distribuir gratuitamente «fitinhas de S. Jorge», sob o lema «*Lembro-me e Orgulho-me*», iniciativa que teve grande repercussão. (N. Ed.)

⁴ Lavrénti Pávlovitch Béria (1899-1953), membro do partido desde 1917, do CC desde 1934, do *Politburo* desde 1946 (candidato desde 1939). Nascido na Geórgia, trabalha entre 1921 e 1931 nos órgãos de contra-espionagem do Azerbaijão, Geórgia e Transcaucásia. Em 1931 torna-se primeiro secretário do partido na Geórgia. Entre 1938 e 1948 e entre Março e Junho de 1953 é comissário/ministro dos Assuntos Internos da URSS. Responsável pela produção de armamento e munições, construção de aviões e de motores para a aviação, é nomeado marechal da URSS em 1945. Após a guerra dirige e participa directamente no desenvolvimento da bomba atómica soviética. Em 26 de Junho de 1953 é exonerado de todos os cargos e preso. O plenário de Julho do CC expulsa-o do partido como inimigo da URSS. Em 23 de Dezembro, acusado de espionagem ao serviço da Grã-Bretanha e de tentativa de liquidação do regime soviético e de restauração do capitalismo, o Tribunal Supremo da URSS condena-o a fuzilamento. (N. Ed.)

⁵ A *OGPU* – *Obedinénnoi Gossudártstvenoi Politícheskoi Upravlénie* (Direcção Política Estatal Unificada), foi criada em 15 de Novembro de 1923, como órgão subordinado directamente ao governo da URSS, que centralizou as funções de segurança de todo Estado Soviético, de luta contra actividades contra-revolucionárias, espionagem etc. Foi precedida pela Direcção Política Estatal (*GPU*), criada em 6 de Fevereiro de 1922, e pela *Tcheka* (Comissão Extraordinária de Toda a Rússia para o Combate à Contra-Revolução e Sabotagem) constituída em Dezembro de 1917. (N. Ed.)

da Transcaucásia. Naquele tempo era mais um cargo económico do que político. Os secretários do partido raramente eram censurados pelas insuficiências do trabalho do partido, mas eram-no constantemente pelo incumprimento dos planos económicos. Neste cargo, Béria transformou em poucos anos um pobre território nos confins do império russo numa região rica e próspera. Entre outros, esta era a principal região petrolífera da União Soviética (em 1934 iniciaram-se as perfurações no mar Cáspio em plataformas metálicas).

Num país que se crescia impetuosamente, os bons dirigentes económicos valiam mais do que o ouro. Por isso não surpreende que um dirigente como Béria não tenha ficado muito tempo na periferia. Em 1938 é transferido para Moscovo para o cargo de comissário do povo do Assuntos Internos. Esta estranha nomeação tinha as suas razões: era preciso neutralizar habilmente e sem alarido o anterior comissário do povo,⁶ que nessa altura, sem grandes escrúpulos, andava a preparar um golpe de Estado. Mas quem disse que o novo dirigente georgiano em Moscovo apenas se ocupou de assuntos de segurança?

Pode-se determinar uma parte do conjunto de responsabilidades de Béria pelo novo cargo que assumiu. Em 21 de Março de 1941 torna-se vice-presidente do Conselho de Comissários do Povo com um leque de competências bastante impressionante. Para além do seu próprio comissariado, é responsável pelas indústrias florestal, de minério de carvão e petrolífera, supervisionando ainda o Comissariado da Metalurgia de Metais Não Ferrosos, ou seja, os ramos mais importantes da área da Defesa. Existe um aforismo que diz: «*o petróleo é o sangue da guerra*». Se seguirmos a mesma analogia, então os metais não ferrosos são o fermento do organismo militar: havia centenas de artigos, produzidos na sua maioria esmagadora na URSS, cuja falta de qualquer um deles podia fazer parar a máquina de guerra. Sem carvão não há metalurgia, sem madeira não só não se fazem caixotes, como não funcionam outras indústrias, a química por exemplo. A propósito, a indústria militar e o exército da URSS nunca se queixaram de falta de «*sangue*» e de «*fermento*».

Dos ramos essenciais para a Defesa apenas ficaram fora da esfera de influência de Béria a indústria siderúrgica e a produção de armamento, esta última estava sob a responsabilidade directa de Stáline. Mas mal a guerra começou Béria também ficou com a indústria siderúrgica. Ao tornar-se comandante supremo, Stáline foi forçado a libertar-se de outros fardos, os quais passavam constantemente de um para outro membro do Comité Estatal da Defesa. Todavia, os mais importantes acumulavam-se sempre em Béria. Por exemplo, na Primavera de 1942 recebeu a produção de tanques de Mólotov, que não estava a dar conta do recado.

Não é muito claro quando tiveram lugar estas nomeações. Considera-se que Béria ficou responsável pela produção de armamento em 4 de Fevereiro de 1942. Contudo V.N. Novikov, vice-comissário do Armamento (o comissário durante a guerra era D.F. Ustinov), começou logo em Junho de 1941 a relatar a Béria a situação no sector.

⁶ Trata-se de Nikolai Ivánovitch Ejov (1895-1940), membro do partido desde 1917, do CC (1934-39) candidato do *Politburo* (1937-39), dirigiu o *NKVD* (1936-1938) e o Comissariado dos Transportes Fluviais (1937-39). Em 1939 é preso e julgado pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS, acusado de traição ao Estado, espionagem e de ligação a uma organização militar clandestina no interior do Exército Vermelho que se propunha derrubar o governo soviético. É executado em 4 de Fevereiro de 1940. (*N. Ed.*)

E segundo memórias de funcionários do transporte ferroviário, nesse mesmo mês de Junho, Béria, como membro do Comité Estatal da Defesa pôs em ordem as comunicações militares. Aliás, há razões para pensar que (além das esferas sob a sua responsabilidade permanente) Béria era em geral utilizado como um «gestor de crise». Corrijo: como um gestor de crise de sucesso, pelo menos a julgar pelos resultados.

É nos números que melhor podemos ver os resultados do trabalho de Béria no cargo de membro do Comité Estatal da Defesa. Se em 22 de Junho os alemães dispunham de 47 mil canhões e morteiros contra os nossos 36 mil, logo em 1 de Novembro de 1942 os números equivaliam-se, e em 1 de Janeiro de 1944, já tínhamos 89 mil contra 54,5 mil por parte dos alemães. Os armeiros de Ijévsk,⁷ que no início da guerra regateavam com Béria a produção de cinco mil espingardas, em 1943 produziam 12 mil por dia. Entre 1942 e 1944, a URSS produziu cerca de dois mil tanques por mês, ultrapassando largamente a produção da Alemanha. No final de 1944, Béria foi ainda encarregado de acompanhar as experiências com urânio. Os testes da bomba atómica soviética, que tiveram lugar em 1949 superando todas as expectativas, foram uma surpresa total para os antigos aliados.

O «comissário do terror» que ninguém receava

Os fabuladores dos nossos dias adoram declarar que o heroísmo revelado pelos soviéticos assentava no terror. Em todo o caso, a maioria das suas construções psicológicas conduz precisamente a esta ideia. Mas de que maneira se podia intimidar os capitães da indústria de Stáline, os «directores vermelhos», a camada mais privilegiada da sociedade soviética? É certo que podiam recear serem destituídos do cargo (isso era a pior das vergonhas), e que mais? O fuzilamento por incumprimento do plano? E então, foram fuzilados muitos?

Novikov recorda o seguinte episódio que se passou no período mais árduo da guerra, quando o destino do país estava preso por um fio:

«Recordo-me de Béria ter organizado uma conferência no final de Junho de 1941. Eu e D.F. Ustínov fomos convocados a propósito da necessidade de aumentar bruscamente a produção de espingardas. Ficámos sentados a sete ou oito passos de lado para Béria. Dava a impressão de ser um homem decidido. O seu rosto era largo, barbeado, pele lisa de tom pálido, óculos pince-nez. Tinha cabelo escuro e uma calva, anéis nos dedos. Pela aparência era difícil perceber a nacionalidade.

Lançou-nos a pergunta:

– Camarada Ustínov, quando é que começa a produzir cinco mil espingardas por dia em Ijévsk?

⁷ Ijévsk é maior cidade da Udmúrtia, no Leste da parte europeia da Rússia. Em 1807, face à ameaça de guerra com os exércitos de Napoleão, o imperador Alexandre I decide fundar a Fábrica de Armamento de Ijévsk. Ao longo do tempo, a cidade torna-se num dos maiores centros de produção de armamento, a par com a cidade de Tula, a Sul de Moscovo, sendo particularmente conhecida pelo fabrico das famosas *Kalachnikov AK*. (N. Ed.)

Dmitri Fiódorovitch pediu que sobre essa questão se pronunciasse Novikov, o seu adjunto, que até há pouco era director dessa fábrica, tinha sido transferido para Moscovo há menos de um mês.

Eu levantei-me e disse que para se atingir esse nível é preciso pelo menos sete ou oito meses, uma vez que agora a produção anda na ordem das duas mil espingardas por dia.

Béria franziu o cenho:

– Como assim, camarada Novikov, bem sabe que na frente quando uns morrem ou são feridos há outros que esperam pelas suas espingardas, e você diz-me: sete meses... Não pode ser, é preciso conseguir em três meses. Você conhece a fábrica, quem mais nos pode ajudar?

Respondi que era impossível conseguir no prazo estipulado, quaisquer que fossem as condições (...)».

E que fez o «malvado Béria»? Ameaçou reduzir a pó o sabotador num campo de concentração? Nada disso.

«Foi criada uma comissão composta por mim e dois adjuntos do presidente do Gosplan, V.V. Kuznetsov e P.I. Kirpitchenkov. Prazo: dois dias. Apresentar propostas para elevar a produção para cinco mil espingardas por dia dentro de três meses.

Estivemos reunidos dois dias sem praticamente irmos a casa. Falámos com fábricas, com o comandante-em-chefe, etc., mas não conseguimos encontrar uma solução. Kuznetsov e Kirpitchenkov inclinavam-se a concordar com o prazo de três meses. Eu recusei-me a assinar o papel, considerando que tal decisão não era realista. O documento foi enviado com a anotação: “O cam. Novikov recusou assinar”.

Mais uma vez fomos chamados a informar Béria, o gabinete estava novamente cheio de gente, incluindo comissários do povo, não só dos ramos da Defesa, mas também de outros.

Estivemos na fila até sermos chamados. Béria lia um papel. Dirigindo-se a Kuznetsov, perguntou porque é que não havia a assinatura de Novikov?

Vassili Vassiliévitch respondeu que Novikov considera que o prazo é irrealista.

Então Béria voltou-se para mim com um ar bastante zangado:

– Qual é o prazo que vamos fixar, camarada Novikov?

Reafirmei mais uma vez que o prazo mínimo era de sete meses com reservas. Béria cuspiu para o lado, praguejou e disse:

– Aprove-se a proposta de Novikov.

O incidente acabou aqui».

É certo que Novikov acrescenta uma explicação a este episódio.

«Interroguei-me junto de alguns camaradas: “por que razão terá Béria aprovado a minha proposta contra a opinião autorizada dos outros membros da comissão?” Explicaram-me que tinha um receio mortal de enganar Stáline, que este perdoava muitas coisas, mas nunca ser enganado.»

A verdade é que Stáline comportava-se precisamente da mesma maneira em situações semelhantes. Interessante, de quem teria ele medo?

Na realidade, Béria comportou-se como qualquer bom dirigente económico, ciente de que que prazos «*irrealistas*» revelam-se com frequência possíveis depois de analisados, e que também conhece o limite para além do qual já não faz sentido pressionar o subordinado. O que surpreende é outra coisa. Em primeiro lugar, a total ausência de medo por parte de Novikov. Estávamos em Julho de 1941, numa situação em que todos tinham os nervos à flor da pele e ao menor sinal alguém podia ser acusado de sabotagem e fuzilado. É pois surpreendente que Novikov não tenha revelado qualquer medo perante o todo-poderoso «*comissário do terror*». Ficamos com a impressão de que Novikov sabia perfeitamente que estava a lidar como uma pessoa competente, capaz de distinguir a sabotagem ou a inépcia da impossibilidade técnica. Ou melhor, que significa «*ficamos com a impressão*»? É óbvio que Novikov sabia e por isso não teve medo. O «*pontapé ritual*» em Béria era simplesmente uma condição para a publicação das memórias, teve de ser...

Aliás, Novikov também escreve que quando as fábricas passaram para a tutela de Béria cessaram praticamente as prisões de funcionários. O que indirectamente revela que Béria dava mais atenção à indústria do que o respectivo Comissário do Povo, preocupando-se mais do que este em defender os funcionários das fábricas dos seus próprios funcionários dos serviços de segurança. Defendeu-os até da Comissão de Controlo do partido e de outros órgãos partidários. Numa deslocação a Ijévs, Novikov esteve num convívio com membros da direcção da fábrica e acabou por receber uma repreensão da Comissão de Controlo do partido por «*embriaguez em tempo de guerra*». Béria procurou de imediato verificar a história e conseguiu que a repreensão fosse retirada.

A propósito de injúrias, em meados dos anos 20, o conhecido bolchevique Miasnikov disse que Béria era um «*intelectual*». No entanto, no início da guerra, de tanto se relacionar com representantes da indústria, Béria perdeu os requintes de intelectual e usava uma linguagem que não destoava de qualquer chefe de oficina. Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és...

Anastas Mikoian, que nunca simpatizou com Béria, mas não dava asas à imaginação, descreve nas suas memórias como Béria ficou responsável pela produção de tanques. Malichev, comissário do sector da construção de tanques, não conseguia aumentar a produção e queixou-se de que o Comité Estatal de Defesa lhe prestava pouca assistência. Segundo as memórias de Mikoian, num dado momento discutiu-se com Stáline o problema da produção de tanques. Stáline perguntou a Béria de que forma Mólotov dirigia em concreto a produção do sector.

«*Não tem ligação às fábricas, a sua direcção não é operacional, não entra nas questões da produção, e quando Malichev ou outros colocam os problemas, Mólotov convoca uma grande conferência, onde se discute durante horas uma questão e se toma uma decisão qualquer. Estas decisões têm pouca utilidade, na prática apenas fazem perder tempo àqueles que têm a obrigação resolver os problemas operacionais, assim, em vez de úteis são prejudiciais, disse Béria.*»

A iniciativa teve um ónus. Béria teve de acrescentar às suas responsabilidades também a produção de tanques (mais tarde irá «*pregar a mesma partida*» a Mólotov nos assuntos atómicos). O surpreendente é que a situação no Comissariado alterou-se radicalmente. «*Béria usou o seu poder para prestar toda assistência necessária a Malichev, fê-lo à custa de outros comissariados. Para o seu êxito também*

contribuiu o arranque nesse período das fábricas que tinham sido evacuadas para os Urais. A produção de tanques deu um salto e superou a produção na Alemanha e nos países por ela ocupados».

Na realidade o segredo da eficácia do trabalho era simples. Quando algum dos dirigentes dos subdepartamentos se mostrava incapaz de lidar com um assunto, Béria não desatava aos berros pelo telefone, mas perguntava: «*O que é preciso fazer?*». E fazia. Como? Isso é já outra questão.

O segredo do Comité Estatal de Defesa

Stáline nunca fazia nada sem uma razão, mas nem sempre as razões desta ou daquela decisão são fáceis de compreender. Por exemplo: por que razão o Comité Estatal de Defesa foi constituído com aquelas pessoas? Designadamente: Stáline, Mólotov, Malenkov, Vorochílov e Béria.⁸ Com os cargos, respectivamente: Chefe do Estado, presidente do Conselho de Comissários do Povo e Comandante Supremo; vice-presidente do Conselho de Comissários do Povo e Comissário dos Negócios Estrangeiros; Chefe da Direcção de Quadros do CC do PC da URSS (b); vice-presidente do Conselho de Comissários do Povo e presidente do Comité de Defesa junto do Conselho de Comissários; vice-presidente do Conselho de Comissários do Povo e Comissário dos Assuntos Internos. Os dois primeiros, Stáline e Mólotov, são indiscutíveis. Mas e os outros, por que razão foram eles os escolhidos? Seria lógico se tivessem entrado, por exemplo, todos os vice-presidentes do Conselho de Comissários do Povo, mas isso não aconteceu...

Tudo fica no seu lugar se nos interrogarmos: qual o princípio que orientou a constituição do Comité Estatal de Defesa? Stáline tomou muitas decisões de Estado e de quadros invulgares e engenhosas. O princípio em que assentou a constituição do Comité Estatal de Defesa também é invulgar e engenhoso. Não foi constituído por comissariados ou sectores, mas por ramos do poder. Na URSS havia três estruturas de poder: a estrutura do Estado, a estrutura do partido e a estrutura militar. Mólotov, há muitos anos presidente do Conselho de Comissários, tinha nas suas mãos o poder do Estado, Malenkov, «*adjunto de Stáline no partido*», tinha o poder do partido, Vorochílov tinha a retaguarda militar e Stáline, a frente militar. E Béria?

Como sempre, Béria está envolto em mistério. Porém certos documentos penetram nalguns mistérios do seu Comissariado. Serguei Kremlev, por exemplo, relata a história pouco conhecida sobre as peripécias da prensa de Uralmach.⁹ Aconteceu que a prensa principal da fábrica se avariou, e a segunda prensa extraviara-se na confusão da evacuação, não tendo ainda chegado ao seu destino.

⁸ O Comité Estatal de Defesa foi criado em 30 de Junho de 1941, por decreto conjunto do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS, do Conselho de Comissários do Povo e do CC do PCU(b), com a seguinte composição: presidente, I.V. Stáline; vice-presidente, V.M. Mólotov; membros, K.E. Vorochílov, G.M. Malenkov, L.P. Béria. Mais tarde entram nesta composição N.A. Voznessénski e A.I. Mikoian (3 de Fevereiro de 1942); L.M. Kaganóvitch (20 de Fevereiro de 1942); L.P. Béria é nomeado vice-presidente em 16 de Maio de 1944; e K.E. Vorochílov é substituído por N.A. Bulgánine em 22 de Novembro de 1944. (N. Ed.)

⁹ Uralmach é uma zona da cidade de Ekaterimburgo, nos Urais. (N. Ed.)

Muzrukov, director da fábrica (e futuro director do «Arzamas-16»¹⁰) telefona a Béria através do aparelho de onda curta. (A propósito, a prensa avariou-se por culpa de Muzrukov que deu ordem para que fosse utilizada para fins indevidos). Passou-se o seguinte:

«Comuniquei o sucedido, escuto, silêncio, respira fundo e de repente pergunta: “e onde está a segunda prensa?” Respondo que não faço ideia onde está a segunda prensa. “Mas que raio de director és tu se não sabes onde está a prensa que foi despachada para o teu endereço!” – gritou Béria e desligou. Qual não foi a minha surpresa quando na manhã seguinte vieram ter comigo tchequistas¹¹ de Sverdlov, anunciando-me que as peças da prensa se encontravam numa determinada composição. Inacreditável. Como foi possível em apenas algumas horas, durante a noite, no meio do enorme pandemónio da evacuação, entre centenas de composições, encontrar o que precisávamos... A composição com a prensa recebeu via aberta e chegou passado uma semana».

É uma história muito curiosa. Para conseguirem fazer tal coisa numa noite, os tchequistas tinham de possuir o plano completo dos transportes de evacuação em todo o país. Só assim podiam obter a informação que procuravam e transmiti-la em poucas horas aos serviços locais do NKVD [Comissariado dos Assuntos Internos] em Sverdlov. Não é surpreendente que o «patrão» do complexo da Defesa dispusesse de toda esta informação. Mas sua capacidade de execução não deixa de ser interessante.

Ainda mais curioso é o facto de o NKVD estar oficialmente incumbido de ajudar os administradores económicos a resolver problemas que estavam fora das suas possibilidades. Na directiva do Comissariado sobre a organização do trabalho das secções económicas de assistência operacional à indústria da Defesa afirmava-se: *«As secções económicas devem detectar as deficiências no trabalho das empresas que impedem o cumprimento das tarefas do Estado (...) e, através dos CC dos partidos das repúblicas, dos comités de Krai e de Oblast do PCU(b), tomar medidas localmente para a eliminação dessas deficiências».*

Era assim não só na produção. Os tchequistas apareciam nos casos difíceis, nos momentos perigosos, quando os responsáveis não estavam à altura de resolver os problemas. Cumpriam a sua missão e saíam de cena. As suas funções eram de uma diversidade extraordinária. Por exemplo, a garantia do funcionamento das comunicações era um dos deveres dos destacamentos de barragem.¹² As secções

¹⁰ «Arzamas-16» era a designação oficial das instalações onde foi desenvolvida a primeira bomba atómica soviética. O equipamento situava-se na cidade de Sarov, no centro da parte europeia da Rússia. (N. Ed.)

¹¹ Tchequistas é o nome popular dado aos funcionários dos órgãos de segurança do Estado. A palavra tem origem no primeiro serviço de segurança do Estado socialista, a *Tcheka*, (Comissão Extraordinária de Toda a Rússia para o Combate à Contra-Revolução e Sabotagem) constituída em Dezembro de 1917. (N. Ed.)

¹² Os destacamentos de barragem (*zagradotriad*) eram forças militares que se posicionavam atrás das tropas principais, com vista a manter a disciplina, evitar retiradas em pânico, capturar espões, sabotadores e desertores. Este tipo de unidades existiu em vários países e épocas da história, desde as legiões romanas às guerras napoleónicas. Na Rússia revolucionária estes destacamentos começaram por ser utilizados em 1918, durante

especiais [contra-informação militar] ocupavam-se praticamente de tudo, incluindo a organização do poder em localidades libertadas ou a apresentação de propostas para acções militares.

Desde a sua criação, os serviços de segurança do Estado tinham como missão reunir informação total (não sobre a disposição dos cidadãos, mas de tudo o que ocorria no território de cada delegação). Com o início da guerra, a julgar pelos factos, a informação total transformou-se em acção total, e não só nos sectores em que as três estruturas de poder da União Soviética se revelavam ineficazes. Na prática, o *NKVD* tornou-se o quarto poder de crise da URSS, e foi precisamente na qualidade de dirigente desta rede, e não como «*general da Defesa*», que Béria entrou para o Comité Estatal de Defesa. Havia muito generais para além dele, e até mesmo um *Voznessénski* [presidente do *Gosplan*], mas em Junho de 1941 este não foi incluído no Comité Estatal de Defesa.

E há ainda outro aspecto a considerar. Em todos os países os governos procuraram fragmentar os serviços de informações pela simples razão de que é o meio ideal onde se alimentam os golpes de Estado. Ora para colocar um tal monstro nas mãos de um só homem, e logo depois de dois comissários dos Assuntos Internos terem sido fuzilados por conspiração, o chefe do Estado precisava de ter uma confiança ilimitada nessa pessoa. O excesso de confiança era em geral uma característica de Stáline (o caso de Ejev é um testemunho disso), mas nunca a tal ponto! Na realidade, Béria podia apoderar-se do país com um simples movimento da mão.

Um poder tão extraordinário, um tão grande conjunto de competências, só podia ser confiado pelo chefe do Estado (em plena posse das suas faculdades, naturalmente) a uma pessoa: ao seu sucessor.

Em Abril de 1943, depois da batalha de Stalingrado, quando a vitória na guerra já não levantava dúvidas, o colossal Comissariado foi reestruturado. No seu lugar surgiram três estruturas: o *NKVD*, o *NKGB* e o *SMERCH*,¹³ a contra-informação militar, cuja responsabilidade foi dividida entre Stáline e Béria. Mas isto é já outra história.

Em Maio de 1944, Béria foi nomeado vice-presidente do Comité Estatal de Defesa e chefe do seu *Bureau* Operacional, tornando-se finalmente, e oficialmente também, na segunda figura da União Soviética. Havia boas razões para isso, no fim de contas «*a guerra dos recursos*» foi ganha precisamente por ele.

a guerra civil, a pedido do general Mikhail Tukhachevski, com autorização do comissário da Guerra, Lev Trótski. (N. Ed.)

¹³ *NKGB* – Comissariado do Povo da Segurança do Estado; *SMERCH* é o acrónimo russo de *smert chpionam* (morte aos espões), designação geral dos serviços de contra-informação militar. (N. Ed.)